

Centro Universitário de Brasília - UniCEUB
Faculdade de Ciências da Educação e Saúde - FACES
Curso de Psicologia
Disciplina: Produção de Artigo
Professora: Ana Flávia do Amaral Madureira

**Experiências Estéticas como Prática no Contexto Escolar: Valorizando a Diversidade e
a Formação Ética**

Júlia Faria Vasconcelos - RA 21952229

Brasília - DF, 2023

Resumo

O artigo discute como as experiências estéticas podem ser um meio para a valorização da diversidade, combate ao preconceito, bem como um meio promotor de uma cultura de paz nas escolas. O objetivo geral analisar as possíveis contribuições educacionais da vivência de experiências estéticas na formação ética de estudantes no contexto escolar a partir da perspectiva de professores/as. Especificamente, a pesquisa analisou a visão de professores/as acerca de questões como gênero, racismo, preconceito, diversidade e experiências artísticas. A pesquisa tem caráter qualitativo, utilizou-se como instrumento um roteiro de entrevista semiestruturada e imagens previamente selecionadas. Foram entrevistados/as individualmente 3 professores/as da rede pública e particular do DF de forma on-line. Após as entrevistas, as respostas foram transcritas e foi utilizado o método da análise de conteúdo temática. Os resultados obtidos demonstraram a importância da escola como espaço dialógico com os alunos acerca de temas como sexualidade, racismo, gênero, diversidade, inclusão e como as experiências estéticas podem contribuir para transformar a escola em um espaço de compartilhamento de experiências e sentimentos. A pesquisa indicou que há um déficit na formação dos/as professores/as em relação ao uso de experiências estéticas como meio para muito favorável para aprendizagem, além de existir um desinteresse por parte das escolas em promover esse tipo de experiência. Portanto, concluiu-se que deveria haver mais incentivo para o uso das experiências estéticas em sala de aula.

Palavras-chave: experiências estéticas, diversidade, educação, cultura de paz e preconceito.

A educação constitui-se como um aspecto fundamental e essencial para a nossa formação como seres humanos e cidadãos/as. Nas sociedades contemporâneas letradas, a escola cumpre um papel fundamental na formação das novas gerações, e por conseguinte, os/as professores/as. Eles podem e devem promover uma cultura de paz, nas quais eles estimulam seus alunos/as a desconstruir preconceitos. Ademais, as famílias das crianças e adolescentes desempenham um papel essencial na formação da escola.

O ambiente escolar é um local no qual temos acesso a diversos conhecimentos científicos. Porém, além disso, a escola é um dos locais nos quais desenvolvemos estratégias para conviver em sociedade e aprimoramos nossas capacidades de nos relacionar com os colegas e os professores. O ambiente escolar deve ser um contexto favorável para formação ética das novas gerações, sendo um contexto no qual podemos praticar a empatia, nos tornar mais sensíveis às questões do outro, e que sabem lidar de forma construtiva com a diversidade. A escola tem e deve assumir o papel de agente transformador, promovendo o conhecimento mútuo entre sujeitos diversos, permitindo que emergam propostas educativas baseadas em princípios democráticos e legítimos (Gusmão, 2003).

Portanto, é necessário investigar como a escola pode ser uma mediadora da promoção de uma cultura de paz, contribuir com a desconstrução de preconceitos e a valorização da diversidade. Este trabalho teve como intuito investigar como as experiências estéticas podem influenciar esse processo e como a formação ética pode ser valorizada a partir de diferentes recursos artísticos. Além disso, os professores possuem um papel significativo na formação dos/as alunos/as e as opiniões deles sobre diversidade no contexto escolar e como abordar temas delicados como racismo e preconceito foram muito ricas para a construção do presente trabalho.

O problema de pesquisa delimitado é: Como as experiências estéticas podem contribuir na formação ética dos alunos, com o intuito de desconstruir preconceitos no âmbito escolar?

Identidade, cultura e diversidade

A identidade é relacional, isto é, ela depende do outro para ser demarcada, ela é marcada pela diferença, pelo não ser. A diferença é reproduzida por meio de sistemas simbólicos e a marcação dela é crucial no processo de construção de identidade. Porém, temos que tomar cuidado pois a diferença pode ser construída de forma negativa, por meio da exclusão ou da marginalização daqueles indivíduos que classificamos como “outros”, e esse fenômeno pode resultar no preconceito (Woodward, 2000). Refletindo sobre isso, por exemplo, podemos pensar que uma pessoa só é negra porque existe alguém diferente dela, que não se assemelha à sua cor, portanto, concluímos que outra pessoa é branca.

A cultura apresenta um papel constitutivo em relação ao ser humano, sendo algo dinâmico e que muda conforme vão se passando os anos. A cultura assume um papel de construção e a partir do uso de signos, é possível transformar o contexto atual do indivíduo (Valsiner, 2012).

Madureira (2016) apresenta o conceito de “canalização cultural”, isto é, as pessoas possuem papel ativo nos processos de significação em relação ao mundo social no qual estão inseridas e em relação a si próprias. Portanto, podemos afirmar que a cultura não é cristalizada e muito menos imutável, ela pode ser modificada pelos sujeitos. Por exemplo, é comum falarmos “a minha cultura é x” ou “a cultura daquela pessoa que mora em outro país é y”, porém nos esquecemos que todas as culturas se entrelaçam de diferentes formas, principalmente devido ao processo de colonização, imigração e globalização.

A diversidade é composta por todas as pessoas, ela é um termo guarda-chuva

que é utilizado para se referir às maiorias e às minorias. Temos que nos atentar que nosso país é constituído por uma significativa pluralidade social, cultural e étnica. Dentro dessa pluralidade existem crenças, valores e ideais diversos. Madureira (2016) destaca que as experiências humanas sempre acontecem em contextos culturais estruturados, que são perpassados por crenças, valores e costumes historicamente enraizados e que orientam os processos de significação, influenciando de forma profunda as formas de pensar, agir e sentir.

Refletindo sobre as nossas maneiras de pensar, agir e sentir, Paulo Freire (1996, como citado em Paula, 2019) discute que nenhuma instituição social está livre de crenças e valores, justamente por ser composta por indivíduos, portanto, a escola não é e nem pode ser um ambiente “neutro”. Matusov (2018, como citado em Paula, 2019), ao crermos que somos neutros, na realidade, podemos ensinar crenças e valores contrários daqueles que pretendíamos promover e que acreditamos.

As autoras Madureira, Holanda e Paula (2018) discutem também sobre a dita “neutralidade” pedagógica, segundo elas, esse é um mito muito conveniente, pois ele acaba permitindo que certas concepções marcadas pela ideologia fascista emergam nas escolas. Logo, admitir que seja possível uma educação escolar neutra é uma forma de permitir a implementação de uma ideologia política que estima a padronização de sentimentos, pensamentos, desejos e ações que vão na direção contrária das quais desejamos a fim de valorizar as diversidades e acabar com o preconceito.

Madureira e Branco (2015) destacam o importante papel das discussões no âmbito escolar. Não falar sobre assuntos considerados “proibidos” e fingir que tais assuntos não existem fazem parte de um mecanismo chamado “eficácia excludente”, o silêncio irá cumprir o papel dessa eficácia excludente e essa prática de inviabilizar certos debates se constitui como um mecanismo que irá contribuir com a reprodução de preconceitos. Se não falamos sobre os preconceitos, eles podem se reproduzir sem serem questionados.

Os preconceitos foram construídos historicamente, e eles delimitam e traçam fronteiras simbólicas entre diversos grupos sociais, quando essas fronteiras simbólicas se tornam rígidas é que ocorre o preconceito, pois elas se tornam impermeáveis e acabam excluindo o outro. Pessoas que estão fora do nosso grupo social são vistas como não confiáveis, e passamos a desenvolver afetos negativos sem nem mesmo conhecer o indivíduo (Madureira e Branco, 2015).

O ser humano é um ser social e isso implica que ele necessita de interações. Isto é, o sentimento de pertencimento a um grupo ou vários é de fundamental importância para vivermos em sociedade, e cultivarmos as relações sociais. Sawaia (2014) discute que a

sociedade exclui para incluir, e esta metamorfose é condição da ordem social desigual, o que implica o caráter ilusório da inclusão. Isto é, a inclusão pressupõe um certo tipo de adaptação e normatização, sendo que se o indivíduo não se inclui é culpa dele, e a autora afirma que os mecanismos psicológicos de coação que são responsáveis pela inclusão. O excluído é ligado ao resto da sociedade no processo de manutenção da ordem social. Portanto, a exclusão é um processo complexo e tem várias facetas, é um processo sutil e dialético, pois existe apenas devido à inclusão, como parte constitutiva dela.

Experiências estéticas e suas contribuições para a educação

As experiências estéticas são maneiras de expressão, seja uma pintura, uma música, uma fotografia, e elas vão além disso, de acordo com Schlindwein (2010), às experiências estéticas são todas experiências que podem causar uma desobstrução das vias do sentido, isto é, fazer aflorar sentimentos e emoções.

Souza, Dugnan e Reis (2018) destacam a Psicologia da Arte, a partir de contribuições de Vigotski, na qual o autor destaca o papel dialético das obras artísticas, que trazem uma contradição entre forma e conteúdo. De acordo com as autoras, essa contradição presente em toda obra é que faz o indivíduo experimentar sentimentos opostos, fazendo com que surjam emoções diversas e reflexões. Em virtude disso, as experiências estéticas podem se constituir como ferramentas educacionais muito importantes na desconstrução de preconceitos, se configurando como um caminho favorável para estabelecer uma cultura de paz, desde que sejam usadas corretamente.

A experiência estética é única e subjetiva, é imensurável, ela depende de como cada pessoa irá perceber o impacto que ela causa, alterando o estado emocional do indivíduo que vive a experiência. Apenas quem a vivencia pode classificá-la como boa ou ruim. A experiência estética tem capacidade de gerar reflexões nos sujeitos, porque eles irão entrar em contato com os sentimentos e emoções que aquela obra artística traz à tona. Justamente por essa oportunidade de reflexão e contato com os sentimentos e emoções, a experiência estética pode ser uma importante ferramenta formadora na educação (Silva e Zamperetti, 2019).

A experiência estética tem potencial dinâmico, no sentido de haver a possibilidade de se modificar continuamente, de evoluir, não permanece estático e rígido, e também tem o potencial criativo, podendo contribuir para a formação do pensamento crítico. Além de manifestar a criatividade do indivíduo, promover uma auto-organização do seu pensar, sentir e agir, no qual sejam mais amorosos e abertos às novas ideias, para promover novos processos de construção do conhecimento. Os processos criativos e de compreensão dos

fenômenos requerem sensibilidade e abertura da imaginação para vivermos em um mundo mais solidário, inclusivo e diverso (Dittrich & Meller, 2021).

É comum as pessoas viverem dentro de uma “bolha”, onde elas só têm contato com o que lhe é similar e familiar, deixando de lado diversas realidades, e as artes são um meio para sairmos dessa “bolha”. Se soubermos usar as artes como meio de reflexão, através dela podemos entrar em contato com realidades muito diferentes das nossas. Por exemplo, ao ver um filme que se passa em outro país, apenas o ato de assistir a esse filme já é um meio de abrir os horizontes. Em relação a esse uso das artes como meio de sairmos do convencional, Santaella (2012) propõe que devemos saber ler as imagens e usá-las como ferramentas para mudar o nosso pensamento de uma visão individualizada e conservadora para uma visão mais ampla do mundo, a fim de desconstruir preconceitos e promover uma cultura de paz na qual todos saibamos respeitar as diversidades.

Dittrich e Meller (2021) realizaram uma pesquisa na qual utilizaram o método hermenêutico fenomenológico e os sujeitos envolvidos na pesquisa foram discentes do curso de Educação Física e as autoras discutem que as experiências estéticas possibilitaram meios de aprendizagens atrelados à expressividade e criatividade do sujeito no modo de sentir, pensar, agir e conviver e a consolidação de práticas envolvendo as experiências estéticas foram essenciais para sensibilização do ser humano, no qual resultou na melhor percepção de si, do outro e do meio em sua singularidade.

A arte é uma ferramenta em que os aspectos sensíveis e cognitivos são estimulados e permitem o aprendizado de maneira mais significativa, porém, existe um desafio na contemporaneidade, que está justamente em propiciar experiências relevantes no processo de ensino aprendizagem. Portanto, é necessário que as experiências consigam abarcar razão, emoção, diversidade, aspectos humanos a partir de uma lógica dialógica, intersubjetiva e aberta (Vani, 2014).

Cultura de paz nas escolas

A paz depende do comprometimento de todos os indivíduos, não basta ela ser assegurada por acordos políticos, econômicos ou militares. Todos devem se comprometer, de maneira sincera, em sustentar e valorizar a paz. A cultura de paz é algo que deve ser construído, e essa construção depende de dotarmos crianças, adolescentes e adultos de uma compreensão de conceitos como justiça, democracia, respeito pela liberdade, igualdade e solidariedade. Além disso, devemos recusar toda e qualquer violência. Porém, não podemos

apenas admitir a paz como seu negativo, como a simples ausência de guerra, ou conflito, pois isso acaba atribuindo um senso de passividade e permissividade, dificultando a concretização da mesma (Dupret, 2002).

Segundo a Organização das Nações Unidas para Educação (UNESCO) (como citado em Araujo, 2020), a promoção da cultura de paz acontece por meio da educação focada nos Direitos Humanos; na prevenção de conflitos; no desenvolvimento de competências para relações pacíficas; adquirindo maneiras de lidar com conflitos de maneira não-violenta; favorecendo o diálogo; compartilhando vivências e experiências; no respeito e valorização das diferenças.

Para Milani (2003), o modo para construir uma cultura de paz é promover a paz como princípio primeiro de todas as relações humanas e sociais. Transformações como mudança de valores, atitudes, estilos de vida até a estrutura econômica, jurídica, relações políticas e a participação cidadã. A cultura de paz se configura como um elo que interliga os ideais de justiça social, equidade entre os sexos, combate ao racismo, tolerância religiosa, equilíbrio ecológico e liberdade política.

Dupret (2002) discute que para obtermos uma cultura de paz devemos nos esforçar em mudar o pensamento e ação dos sujeitos no sentido de promovermos a paz. Ela está ancorada em valores humanos que devem ser colocados em prática, pois irão nos encaminhar para a valorização do amor e manifestações de respeito.

Madureira (2013) afirma que é necessário ressignificar o contexto escolar como um lugar para abraçarmos as diversidades, para considerarmos uma riqueza e não um problema. Tentar apenas diminuir o preconceito não é o suficiente, precisamos desconstruí-lo e combatê-lo. E para isso, as escolas devem estar dispostas a fazer uma análise crítica sobre as bases sociais e psicológicas dos preconceitos. E uma ação essencial é o combate diante das violências voltadas para grupos minoritários, que são discriminados historicamente. Essa prática é fundamental para cultivarmos uma cultura de paz (Araujo, 2020).

A escola possui uma natureza paradoxal, na qual, mesmo se encontrando em um contexto que pode ser preconceituoso e que perpetua práticas discriminatórias, ela tem o poder de mudar essa realidade, propondo novas formas de agir e se relacionar consigo mesmo e com outros indivíduos (Madureira, Holanda, Paula & Fonseca, 2021). A escola pode ser um espaço estratégico para a construção de uma cultura de paz e de respeito às diferenças (Araujo, 2020).

A seguir, são apresentados os objetivos da pesquisa:

Objetivo Geral

Analisar as possíveis contribuições educacionais da vivência de experiências estéticas na formação ética de estudantes no contexto escolar a partir da perspectiva de professores/as.

Objetivos Específicos

1. Analisar o papel dos/as professores/as na formação ética dos/as alunos/as, a fim de contribuir com a desconstrução de preconceitos no contexto escolar.
2. Analisar como as experiências estéticas podem se constituir como ferramentas educacionais voltadas à formação ética dos/as alunos/as a partir da perspectiva de professores/as.

Método

Segundo Minayo (2016), a pesquisa qualitativa responde a indagações muito particulares, ela se ocupa com um universo de significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e atitudes. O objeto das ciências humanas são os humanos e ocorre uma identificação, pois são humanos estudando humanos, portanto há uma semelhança entre sujeito e objeto.

Além disso, o objeto das ciências sociais possui uma consciência histórica, uma característica que pode agregar o trabalho do investigador, mas que também requer certa cautela (Minayo, 2016). A pesquisa qualitativa é bonita de se ver e de se produzir, sua intenção é explorar as produzir análises aprofundadas sobre os significados, e aprender sobre a realidade alheia é um processo de descentralização de si, que requer muito trabalho e respeito.

Participantes

Foram entrevistados 3 participantes, cuja identidade pessoal será mantida em sigilo, então irei nomeá-los com números, de acordo com a ordem em que as entrevistas foram realizadas. As informações dos participantes serão apresentados na seguinte tabela:

Participante 1	Sexo Masculino – 42 anos	Escola Particular (Fundamental) – Inglês	Homossexual
Participante 2	Sexo Feminino – 27 anos	Escola Pública (Fundamental) - História	Bissexual
Participante 3	Sexo Masculino – 39 anos	Escola Pública (Médio) – Sociologia	Bissexual

Materiais e Instrumentos

Os materiais utilizados foram um notebook, plataforma Google Meet e o celular para gravar as entrevistas, com consentimento dos/as participantes, para a realização da transcrição posteriormente. Os instrumentos utilizados foram o roteiro de entrevista elaborado pela pesquisadora e as imagens previamente selecionadas, ambos aprovados pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP CEUB).

Procedimentos de construção de informações

A entrevista foi realizada com dois professores e uma professora, foi **semi**estruturada individual virtual, para Minayo (2016), esse tipo de roteiro de entrevista é uma maneira de guiar a entrevista, mas dando espaço para o interlocutor falar sobre outros tópicos que desejar, não é uma entrevista rígida, a intenção é promover o diálogo. Além da entrevista, foram utilizadas imagens, Madureira (2016) discute que as imagens podem ser usadas como ferramentas metodológicas, pois elas são um meio para promovermos a reflexão sobre questões que podem ser delicadas sem termos que falarmos sobre elas, para evitar desconfortos.

Foi esclarecido que suas identidades seriam mantidas em sigilo e todas as informações referentes às entrevistas seriam apenas para fins acadêmicos. Previamente à realização da entrevista, foram enviados os TCLES para os participantes, e eles foram informados que caso houvesse dúvidas poderiam perguntar antes do início da entrevista. Todos os participantes concordaram verbalmente em participar da pesquisa e assim se iniciaram as perguntas. Além disso, todos foram informados que seriam gravados para facilitar a transcrição posterior e todos/as concordaram.

Procedimentos de análise

Gomes (2016, citado por Deslandes, 2016) nos apresenta a importância da análise de conteúdo temática, que será utilizada no artigo, e como esse método de análise pode nos mostrar o que está por trás dos conteúdos manifestos, permitindo ir além do que está sendo comunicado pelo outro.

Inicialmente, a pesquisadora transcreveu todas as entrevistas para nortear o trabalho interpretativo, sendo que foram construídas a partir da análise de conteúdo temática. Esse método é uma boa maneira de compreender o que pode estar oculto em um primeiro momento, e a partir dessa análise é possível conhecer melhor o conteúdo (Gomes, 2016). Ao

total foram construídas 3 categorias analíticas temáticas: 1) As experiências estéticas no contexto escolar: o “olhar” de professores/as; 2) Os preconceitos e a diversidade no contexto escolar em discussão e 3) Arte, formação ética e inclusão na escola.

Resultados e Discussão

Na presente seção serão apresentados os resultados mais significativos considerando as categorias analíticas mencionadas.

As experiências estéticas no contexto escolar: o “olhar” de professores/as

O primeiro participante relatou que as artes são muito valorizadas na escola em que ele trabalha. Inclusive, uma das matérias que ele leciona se chama “Language arts”, traduzindo, arte da linguagem. Ele diz:

“ [...] falamos sempre sobre a importância de integrar artes no currículo como algo tão importante quanto matemática, [...], a gente tem muito projeto associado assim a murais, culturas, artes visuais, artes dramáticas, e músicas. A carga horária na verdade das aulas de artes deles é a mesma de matemática”.

Canda e Batista (2009) abordam a importância da inclusão da arte no currículo escolar, por considerar a criatividade e a sensibilidade como aspectos fundamentais. A arte ainda é concebida como uma atividade de menor importância em relação às outras áreas, e o relato do primeiro participante vai em uma direção oposta à fala das autoras, pois a escola em questão contradiz essa percepção, já que eles valorizam as artes como primárias no currículo, sendo assim um caso excepcional à regra.

Segundo De Lucca (2013), as aulas de artes são uma ponte que permite atingir um nível de entusiasmo no/a estudante, afastando o/a aluno/a da passividade, um estado no qual se “assiste as aulas de braços cruzados”. A intenção de entusiasmar os alunos é justamente fazê-los sujeitos ativos na aprendizagem. As reflexões estimuladas pela vivência de experiências estéticas, para a autora, são uma oportunidade de estimular a construção de novos significados a partir das experiências artísticas e um meio para mudanças no cenário sociocultural atual. Portanto, relacionando com o relato do professor, anteriormente mencionado, a carga horária maior nas aulas de artes pode ser muito benéfica para os alunos. Além disso, o participante 1 pontua:

“A gente sente quando a gente vê a arte, né? [...] Acho que mexe com os nossos canais sensoriais, então acho que como mexe com isso e aprendizado

também. Acho que podia se integrar um pouco mais às artes, você vê aí mentes desperdiçadas quando a educação é muito conteudista assim.”

Silva e Zamperetti (2019) ilustram o que o participante 1 diz, para as autoras, as experiências estéticas permitem um encontro com o sentir, definido por uma vivência de forma mais plena, no qual os aspectos sensoriais do indivíduo são aflorados. Em linhas gerais, o que aguça os sentidos acaba se destacando na vivência dos indivíduos e isso mostra como é importante que as práticas escolares insiram mais esse tipo de experiência no dia a dia dos/as alunos/as.

A segunda participante chamou atenção para a possibilidade de usar as experiências estéticas como forma de inclusão, pois, segundo ela: *“Se expressar artisticamente pode ser muito mais fácil, acho que a gente consegue acessar muito melhor eles”*. Como podemos ver, os dois participantes concordam entre si. Vani (2014) afirma que a arte permite uma ação capaz de instigar aspectos sensíveis e, assim, abre espaço para o aprendizado de forma mais intensa, facilitando a expressão de sentimentos dos/as alunos/as.

Souza et. al. (2018) discutem sobre o conceito de coemoção, que consiste no processo que a emoção passa a se servir da imaginação e representa os afetos, em imagens, fazendo com que os afetos sejam vividos duas vezes. A coemoção é o elo fundamental entre a imaginação e emoção, pois permite ao sujeito ampliar suas vivências. Por exemplo, ao entrar em contato com obras de arte, o repertório do sujeito se expande, porque ocorre a possibilidade de experienciar novas sensações.

Outro ponto interessante da fala da segunda participante é: *“A escola tende muitas vezes a priorizar a escrita [...] e eu tento mostrar para eles que outras formas também são igualmente importantes assim, né?”*. Biesdorf e Wandscheer (2011) ressaltam que a arte sempre foi um meio de expressão para as pessoas, pois nela encontra-se a representação do meio social. Portanto, a fala da segunda professora é muito relevante, considerando que atualmente prioriza-se mais a linguagem escrita, em detrimento de outros tipos de linguagem.

Madureira (2016) discute sobre como somos seres simbólicos e por isso podemos produzir arte e nos comunicar através dela. As experiências humanas sempre acontecem em contextos culturais estruturados, perpassados por crenças, valores e práticas que servem como guia orientando formas de pensar, agir e sentir. No contexto escolar, as artes podem ser usadas como ferramentas educacionais, pois elas estimulam o debate e a reflexão crítica (Madureira, 2016).

O terceiro participante relatou que o engajamento dos alunos aumenta mais quando são propostas atividades diferentes e falou sobre a importância da introdução do uso de artes na formação inicial nos cursos de licenciatura:

“Então acho que é uma estratégia muito importante. [...] Teve um momento no intervalo para mostrarem os cartazes que produziram [...] e aí fica claro como é outro tipo de engajamento, sabe, como a gente consegue nessas atividades um envolvimento maior, que dificilmente numa atividade corriqueira em sala de aula, a gente consegue. Então isso é importante demais [...] Acho que inclusive isso seria mais importante na nossa, na formação do professor.”

Ribeiro (2021) discute que no contexto escolar a arte não se limita apenas as aulas de arte, pois ela pode ser usada como ferramenta educacional nos processos de ensino-aprendizagem de outras disciplinas com o intuito de motivar, dar sentido, e estimular a imaginação sobre diferentes conteúdos abordados em sala de aula. Além disso, a arte é uma ferramenta fértil para promover debates sobre temas que são vistos como tabus, ilustrar situações do cotidiano e questionar modelos e valores difundidos nas sociedades.

Em sua pesquisa, Vani (2014), verifica e analisa as compreensões dos professores da Educação Básica que atuam no ensino da arte. Foram entrevistados 25 professores, a pesquisa foi quanti-qualitativa efetivada na base da Hermenêutica Filosófica. Os resultados indicaram pouca compreensão quanto à experiência estética em si e a relação desta com a formação; a falta de referenciais éticos e morais vindos da família e da sociedade, que se conclui pela urgência em formar professores que possam usar a arte como meio para contribuir para a formação ética dos/as alunos/as. Os/as professores/as entrevistados/as por ela chamaram atenção para o fato de que o ensino da arte mas deve se relacionar com outras disciplinas a fim de constituir unidades de sentido por intermédio de um diálogo profundo.

Paula e Branco (2022) discutem que, por meio do diálogo, podemos questionar, contrapor, negociar novas visões e abrir novos caminhos e trajetórias. Porém, o diálogo também traz, em si, o conflito e as tensões que podem emergir a partir de visões diferentes, e isso permite que surjam novidades e transformações significativas no contexto da cultura. Um dos princípios para se promover experiências significativas nos processos de ensino-aprendizagem é fazer com que os/as alunos/as tenham contato com diferentes opiniões, visões de mundo e permitir a eles a oportunidade de realizar atividades que promovam a reflexão crítica e ativa (Matusov, 2018; Valsiner, 2014, como citado em Paula & Branco, 2022).

Schlindwein (2010) discute que é essencial, na ação pedagógica do professor, garantir que os alunos tenham prazer pelo saber, isto é, que eles se envolvam naquele assunto para além de apenas compreender o conteúdo e uma forma que ela considera efetiva para realizar isso é articulando as artes com a educação. A união do estético com o educacional permite que se formem profissionais mais sensíveis, atentos, inquietos e comprometidos com leituras transversais do mundo (Schlindwein, 2010).

Os preconceitos e a diversidade no contexto escolar em discussão

Ao serem perguntados se questões acerca da diversidade, sexualidade, gênero e racismo deveriam ser discutidos no contexto escolar, todos os participantes concordaram que esses temas são importantes de serem pautas nas escolas.

Barreto (2016) vai em uma direção contrária dos professores que participaram do estudo, ela realizou uma pesquisa na qual buscou entender o ponto de vista dos/as alunos/as em relação às formas como a escola lida com as diversas identidades em seu interior. Os participantes foram 8 adolescentes, eles participaram de dois grupos focais e quatro oficinas que procuraram promover a participação efetiva de todos/as, usando imagens como ferramenta primordial na abordagem das ideias, crenças, sentimentos e percepções dos/as participantes sobre os temas abordados.

Os/as participantes afirmaram que veem na escola os preconceitos e práticas discriminatórias, que permeiam as relações entre sujeitos e os grupos sociais e que a escola, muitas vezes, permanece em silêncio sobre essa realidade. O que acaba dificultando o enfrentamento das situações que causam desigualdades e sofrimentos. Esse recorte é interessante porque os comentários dos alunos participantes da pesquisa, em geral, manifestam que eles consideram complicado estabelecer a atuação da escola diante dessas temáticas (Barreto, 2016).

Portanto, para compreendermos melhor como a atuação da escola deve ser diante desses temas, Madureira e Branco (2015), analisaram as concepções e crenças de professores/as do Ensino Fundamental em relação às questões de gênero, sexualidade e diversidade. As autoras observaram uma grande dificuldade por parte de professores/as, principalmente, em refletir sobre questões de gênero. A dificuldade inicia já na conceituação, pois parece distante da realidade deles e ainda é um conceito mais discutido no âmbito acadêmico. Uma conclusão importante que as autoras obtiveram foi que os/as professores/as entendiam melhor o conceito de gênero quando era conectado à realidade escolar. Elas concluem que é necessário que haja um investimento na ampliação dos espaços institucionais

e relacionais no contexto escolar para trabalhar emoções, crenças e valores no sentido de consolidar práticas reflexivas na direção da construção de uma cultura democrática de valorização da diversidade no âmbito escolar.

Ao ser questionado sobre se debates em relação à diversidade cultural deveriam ser conduzidos em sala de aula, o participante 1 afirmou: *“Devem, e eu acho que deveriam ser conduzidos assim, também de uma forma muito responsável, para que a gente também não gere somente mais visões preconceituosas, sabe, sobre coisas que a gente não conhece”*. Foi possível observar que o participante se mostrou preocupado em relação à condução desse debate, pois, o debate poderia ser benéfico ou maléfico para os alunos, em relação à sexualidade. De forma mais específica, ele afirmou que:

“Então, acho que é importante sim falar sobre sexualidade na escola, e é engraçado porque assim existe aí um, existe aí uma falta de preparo de assim, eu acho que tinha que ser uma coisa profissional mesmo. Sabe, não pegar uma pessoa qualquer, por exemplo a professora de estudos sociais, cara, às vezes, essa pessoa é a pessoa que menos tem preparo para isso.”

Madureira, Holanda, Paula e Fonseca (2021) discutem que a escola pode ser vista como uma instituição social importante na sociedade atual e representa uma tarefa imprescindível na direção de constituição de uma cultura democrática de valorização da diversidade no ambiente escolar. Portanto, como o participante 1 expressou, temos que tomar cuidado com quem está transmitindo informações sensíveis para os alunos, justamente para evitarmos o compartilhamento de informações erradas que possam perpetuar preconceitos.

Paula (2019) realizou uma pesquisa que teve como objetivo identificar e analisar conceitos, crenças que estão relacionados com a desconstrução de preconceitos com base em um projeto implementado em uma escola pública. Foram adotados procedimentos de observação participante e foram realizadas 6 entrevistas semiestruturadas com gestores/as e professores/as. Foi identificado que promover trocas verdadeiramente dialógicas é um caminho fértil para a desconstrução de preconceitos no contexto escolar. Sobre o papel dos/as professores/as, autora afirma que:

Conceber o papel do professor enquanto mediador de processos, relações e interações é bastante desafiador. Representa uma quebra de paradigma que, muitas vezes, bate de frente com as crenças e valores tradicionais sobre a educação e sobre o papel do educador. Surge, ainda, a questão: será possível ao professor exercer um papel mediador mesmo quando seus valores pessoais estão sendo ameaçados de alguma maneira? (p. 111)

As falas do primeiro participante são uma ótima ilustração da discussão desenvolvida por Paula (2019), a autora demonstra essa preocupação em relação às crenças e valores pessoais de quem está sendo escolhido para falar sobre esses temas, como violência doméstica, sexismo, racismo e LGBTfobia. Precisamos evitar falar sobre sexualidade se for para impor tabus, espalhar desinformação e reprimir os adolescentes. Os assuntos devem ser abordados de uma maneira consciente e cuidadosa, com o intuito de promover a saúde, o bem-estar e a aceitação à diversidade.

Ao ser questionada sobre se a diversidade deveria ser discutida na escola, a segunda participante afirmou:

“Sim, também tem o fato que não é minha bandeira, é lei, o Brasil é um país multicultural, né? [...] A gente mistura culturas, [...] a gente precisa debater sobre diversidade cultural e não só nas datas comemorativas, a gente não pode ficar só usando novembro como data de falar sobre raça ou a 19 de abril dia do índio para falar sobre indígenas, sabe? Não dá mais para ser assim”.

A participante afirmou que ela se considera uma pessoa que valoriza a discussão acerca da diversidade nas escolas e falou sobre como a cultura faz parte dessa discussão. A diversidade está inserida no contexto cultural, portanto, Gusmão (2003) discute como a diversidade é tratada na escola e como ela enfrenta um desafio que é orientar a prática para uma compreensão na qual olhemos a sociedade, ou seja, para compreendermos aspectos vivenciais e culturais, precisamos aprender sobre a sociedade na qual está inserida.

O terceiro participante relatou uma situação que vivenciou em sala de aula:

“Em Brasília em 2017, uma escola que a polícia batalhão escolar veio fazer uma, fazer uma revista, a escola tem um nome melhorzinho para isso, mas é basicamente isso, assim eles entram e fazem a revista, mas seria tempo demais revistar todo mundo minuciosamente, então eles vão elegendando [...] Entrei em uma turma que tava muito agitada, tinha um rapaz em especial que tava mal, chorou e tal. E ele foi o único na turma que precisou levantar, abordaram ele, mandaram tirar tudo. [...] Curiosamente ele era o único aluno negro da sala, né?”

Silva (2014) realizou um estudo que tinha como objetivo analisar as possíveis implicações do racismo e do sexismo no processo de escolarização de mulheres negras. A partir das falas das participantes foi possível verificar como são percebidas as discriminações raciais e de gênero no interior do contexto acadêmico. Os relatos dessas participantes podem ser utilizados para tecer alguns comentários sobre a fala do professor apresentada anteriormente.

Para grande parte das participantes (Silva, 2014), a socialização no ambiente escolar foi o local onde as diferenças raciais foram mais salientadas e as características associadas à negritude avaliadas como características depreciativas. A autora discute que as identidades são formadas dentro de vários contextos, sendo a escola um importante meio, já que as crianças e adolescentes passam muito tempo nesse local. Portanto, julgamentos negativos podem acabar afetando a autoimagem dos sujeitos.

O relato do terceiro participante é muito relevante para pensarmos sobre a discussão desenvolvida por Silva (2014), pois, diante dessa situação, que pode ser considerada traumática, esse aluno pode ficar marcado pelo resto da vida. O pior é que essa situação é apenas um dos exemplos das inúmeras situações de racismo que podem acontecer no dia a dia das pessoas negras.

Formação ética, arte e inclusão na escola

A pesquisadora perguntou para os participantes se eles consideravam a arte como uma ferramenta fértil para contribuir na formação ética dos alunos e todos responderam que sim, que de formação das crianças e adolescentes. Diante da pergunta sobre se as artes podem ter alguma função na formação ética dos alunos, o primeiro participante respondeu:

“Primeiro porque a arte é uma coisa subjetiva, né? A minha visão de arte, às vezes, é diferente da sua visão de arte, né? Então acho que a primeira coisa que a gente entende é que a arte é democrática. Então, isso tem a ver com a formação moral dos alunos”.

Como já foi citado por Silva e Zamperetti (2019), esse aspecto subjetivo da arte é muito importante e essencial para compreendermos o valor das experiências estéticas em nossa sociedade. Como ele diz, a arte é democrática, isto é, todos podem produzir e contemplá-la, não importa a classe social, raça, gênero, orientação sexual, todos os seres humanos podem produzir e ter acesso à arte.

Biesdorf e Wandscheer (2011) discutem a necessidade das artes na educação básica e chegam à conclusão que as artes podem auxiliar no desenvolvimento da capacidade reflexiva, criativa e crítica do aluno. Sendo que a escola é um ambiente que pode propiciar um lugar seguro para o aluno entender a arte como sendo uma forma de expressão. Essa afirmação é ilustrada pela fala do primeiro participante, que salientou que a arte é subjetiva.

A segunda participante afirmou que: *“Acho que sim, né? Acho que dá para relacionar as artes, a estética, com a ética. Acho que acho que por aí dá para trabalhar diversidade, dá para trabalhar a respeito”.*

Como já foi discutido anteriormente, Vani (2014), as artes são uma boa maneira para promovermos o contato das pessoas com a diversidade, pois ao contemplarmos as artes entramos em contato com o sensível e esse contato permite uma reflexão que pode até levar à uma troca dialógica entre os espectadores das artes, assim como Paula (2019) discute em seu trabalho, essas trocas são um caminho fértil para a desconstrução de preconceitos e cultivarmos uma cultura de paz.

Em seu trabalho, De Lucca (2013) sugere que nós valorizemos e entremos em contato com o sensível, mas que acaba se perdendo dentro do mundo capitalista em que vivemos, no qual o foco é produzir e consumir mais. A proposta da autora é tornar a aula de arte algo excitante, que entusiasme os alunos, que os influenciam para ir além do esperado, que é reproduzir e aceitar conceitos e ideias. O objetivo é oferecer meios para que os professores façam da escola um lugar de vivências prazerosas e que permitam que o aluno se conheça.

Marques e Castanho (2011, citado por Ribeiro, 2021) afirmam que a educação deve investir em recursos que envolvam o uso de materiais apropriados e a capacitação de profissionais que estejam aptos para promover processos educacionais que mobilizem os/as estudantes, cognitivamente e afetivamente, tanto na forma que o ensino é transmitido, quanto para as relações sociais, para que elas sejam mais significativas e façam mais sentido em suas vidas.

Uma forma de mobilizar os/as alunos/as é utilizar a arte, assim como o participante 3 afirma:

“Acho que a arte é um instrumento poderoso sabe [...] A arte coloca eles no centro. O centro da história né? Coloca o professor no papel que eu acho mais interessante que é de mediador, né, que é de facilitador, não é mais o protagonista, né? O protagonista passa a ser eles. Acho que isso para construir conhecimento é importante.”

De acordo com Paula (2019), para o/a professor/a permanecer nesse lugar como mediador é um trabalho muito difícil e desafiador, porém é extremamente importante, como foi ressaltado pelo participante 3. O papel de educador/a deve permitir que o aluno possa se destacar, apenas auxiliando e não tomando aquele papel para si mesmo/a.

Arruda (2012) analisa um novo tipo de mediação que professores/as devem exercer. Segundo a autora, o professor se torna um mediador de emoções, no qual se encontram no desafio de encontrar condições para promover uma melhora do aluno e do ambiente escolar. Os educadores passam a aprender simultaneamente com os alunos, isto é, o papel centralizador do professor não está mais em vigor. O participante 3 está em sintonia com essa ideia, no qual a formação ética do aluno pode ser algo trabalhado a partir da arte,

promovendo assim uma maior autonomia dos alunos e os colocando como protagonistas de sua história.

Considerações Finais

O presente artigo teve como objetivo investigar se as experiências estéticas podem, ou não, contribuir para a construção de uma cultura de paz e para a formação ética dos alunos no âmbito escolar. A partir da pesquisa realizada, foi possível concluir que as experiências estéticas podem ser ferramentas muito valiosas para os processos de ensino-aprendizagem.

Outro aspecto muito importante para mudarmos é tornar a escola um local apropriado para discutirmos sobre os preconceitos, visando desconstruí-los. E para promovermos a valorização da diversidade precisamos priorizar o diálogo. Mas não é qualquer tipo de diálogo, precisamos saber ouvir e respeitar as diferenças e devemos ter espaço para nos expressarmos.

A Psicologia Escolar é uma área em crescimento e expansão, e está se tornando cada vez mais necessária de ser estudada e aprofundada. Ter psicólogos/as no ambiente escolar é uma oportunidade de analisarmos o que precisa ser mudado no ambiente escolar, promover ações continuadas em serviços dos professores é uma tarefa importante e deve ser exercida pelo/a psicólogo/a. As experiências estéticas são uma opção para essas ações continuadas, para que elas consigam atingir outros aspectos dos/as professores/as e dos/as alunos/as.

Infelizmente, o ambiente escolar ainda é perpassado por preconceitos e violências, porém é papel da Psicologia tentar produzir pesquisas para procurarmos meios de mudar essa situação e ainda há tempo de mudar, as novas gerações estão cada vez mais conscientes e bem informadas. Discutir sobre diversidade é promover respeito, amor ao próximo e uma sociedade mais justa e igualitária.

As entrevistas com os participantes foram muito ricas para essa produção, eles/a trouxeram aspectos muito relevantes para a reflexão e poder ter acesso à visão de alguém dentro das escolas é muito valioso. Portanto, conclui-se que são necessárias mais pesquisas acerca desses processos, principalmente focalizando na visão dos alunos sobre as potencialidades da arte no ambiente escolar, com intuito de realmente compreendermos melhor como podemos utilizar dos meios artísticos para cultivarmos uma cultura de paz, comprometida com a desconstrução de preconceitos e com a valorização da diversidade.

Referências Bibliográficas

- Araujo, I. A. A. (2020). *Práticas Pedagógicas e os Estudos de Gênero: A Valorização da Diversidade e a Promoção de uma Cultura de Paz*. Dissertação de Mestrado, Centro Universitário de Brasília, Brasília, DF, Brasil.
- Arruda, M.P. (2012) O paradigma emergente da educação: O professor como mediador de emoções. *ETD – Educação Temática Digital*, 14 (2), 290-303.
- Barreto, A.L.C.S. (2016). *A escola e seu papel na construção de diferentes identidades sociais*. Dissertação, Centro Universitário de Brasília, Brasília, DF, Brasil.
- Biesdorf, R.K. & Wandscheer, M.F. (2011). Arte, uma necessidade humana: função social e educativa. *Revista Eletrônica do Curso de Pedagogia do Campus Jataí*, 2(11), 1-11.
- Canda, C. N. & Batista, M.P.B.(2009). Qual o lugar da arte no currículo escolar? *Revista Científica FAP* 4 (2), pp. 107-119.
- De Lucca, L. (2013). *Arte na escola: A experiência estética como um dos caminhos para a promoção da vocação humana para o “ser mais”*. Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.
- Deslandes, S. F. (2016). O projeto de pesquisa como exercício científico e artesanato intelectual. Em M. C. S. Minayo (Org.), *Pesquisa social: teoria, método e criatividade* (pp. 29-55). Petrópolis – RJ: Vozes.
- Dittrich, M.G. & Meller, V. (2021). A experiência estética na docência: humanescer para a justiça social. *Polyphonia*, (32). Disponível em:
<https://revistas.ufg.br/sv/article/view/67391>
- Dupret, L. (2002) *Cultura de Paz e ações sócio-educativas: desafios para a escola contemporânea*. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/pee/a/qN7SbH7nMvtndmg7qvteJLL/>
- Gomes, R. (2016). Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa. Em M. C. S. Minayo (Org.), *Pesquisa social: teoria, método e criatividade* (pp. 72-95). Petrópolis - RJ: Vozes.
- Gusmão, N. M. M. (2003). Os desafios da diversidade na escola. Em N. M. M. Gusmão (Org.). *Diversidade, cultura e educação* (p. 83-105). São Paulo: Biruta.
- Madureira, A. F. A. (2013). Psicologia Escolar na contemporaneidade: construindo “pontes” entre a pesquisa e a intervenção. Em E. Tunes (Org.), *O fio tenso que une a Psicologia à Educação* (pp. 55-73). Brasília: UniCEUB.

- Madureira, A. F. A. (2016). Diálogos entre a Psicologia e as Artes Visuais: as Imagens enquanto Artefatos Culturais. In J. L. Freitas & E. P. Flores (Orgs.), *Artes e Psicologia: Fundamentos e Práticas* (pp. 57-82). Editora Juruá.
- Madureira, A. F. A.; Barreto, A. L. C. S. & Paula, L. D. (2018). Educação, política e compromisso social: desconstruindo o mito da neutralidade pedagógica. In E. Tunes (Org.), *Desafios da educação para a psicologia* (pp. 137-153). CRV Editora.
- Madureira, A. F. A. & Branco, A. U. (2015). Gênero, sexualidade e diversidade na escola a partir da perspectiva de professores/as. *Temas em Psicologia* (Ribeirão Preto), 23(3), 577-591. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v23n3/v23n3a05.pdf>
- Madureira, A. F. A., Holanda, J. M. G. B., Paula, L. D. & Fonseca, J. V. C. (2021). Gênero e Sexualidade na Escola: Processos Identitários, Diversidade e Preconceito na Perspectiva da Psicologia Cultural. In A. F. A. Madureira & J. Bizerril (Orgs.), *Psicologia & Cultura: Teoria, Pesquisa e Prática Profissional* (pp. 202-237). Cortez Editora.
- Milani, F. M. (2003). Cultura de Paz X Violências: Papel e desafios da escola. Em F. M. Milani & R. C. D. P. Jesus (Orgs.), *Cultura de Paz: Estratégias, Mapas e Bússolas* (pp. 31-60). INPAZ.
- Minayo, M. C. S. (2016). Trabalho de campo: contexto de observação, interação e descoberta. Em M. C. S. Minayo (Org.), *Pesquisa social: teoria, método e criatividade* (pp. 56-71). Petrópolis – RJ: Vozes.
- Paula, L.D. (2019). *Diversidade e Desconstrução de Preconceitos: Estudo de Práticas Decorrentes de Projeto em Escola Pública do DF*. Dissertação, Universidade de Brasília, Brasília, Distrito Federal, Brasil.
- Paula, L. D., & Branco, A. U. (2022). Desconstrução de preconceitos na escola: o papel das práticas dialógicas. *Estudos de Psicologia*, 39 (Dossiê: Psicologia Cultural da Educação), 1-12. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/4zytCzsLDNK7cwZwkTmfbLR/>
- Ribeiro, V. M. M. (2021). *Os Impactos das Imagens nas Relações dos/as Adolescentes com a sua Aparência Corporal*. Dissertação de Mestrado, Centro Universitário de Brasília, Brasília, DF, Brasil.
- Santaella, L. (2012). *Leitura de imagens*. São Paulo: Melhoramentos.
- Sawaia, B. B. (2014). Identidade – Uma ideologia separatista? In B. B. Sawaia (Org.), *As*

- artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social* (pp. 121-129). Editora Vozes.
- Sch lindwein, L. M. (2010). Arte e desenvolvimento estético na escola. Em A. Pino; L. M. Sch lindwein; A. A. Neitzel (Orgs.), *Cultura, escola e educação criadora* (pp.31-50). Curitiba: CRV.
- Silva, S. M. C. (2004). Arte e educação - na confluência das áreas, a formação do psicólogo escolar. *Pro-Posições*, 15 (2), 187-199.
- Silva, M.R.G. (2014). *Mulheres Negras e Escolarização: Possíveis Implicações do Racismo e do Sexismo nos Processos Educativos*. Dissertação, Centro Universitário de Brasília, Brasília, Distrito Federal, Brasil.
- Silva, A.H. & Zamperetti, M.P. (2019). Experiências estéticas na educação infantil - práticas pedagógicas desenhadas pela arte. *Revista Artes de Educar*, 5(3), 525-550.
- Souza, V. L. T.; Dugnan, L. A. C. & Reis, E. C. G. (2018). Psicologia da Arte: fundamentos e práticas para uma ação transformadora. *Estudos Psicológicos*, 35(4), 375-388.
Disponível em:
<http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v35n4/1982-0275-estpsi-35-04-0375.pdf>
- Valsiner, J. (2012). *Fundamentos da Psicologia Cultural: mundos da mente, mundos da vida*. Tradução de Ana Cecília de Sousa Bastos. Editora Artmed. [Capítulo 1 – Aproximações à cultura: bases semióticas da psicologia cultural - pp. 21-66]
- Vani, A.C. (22-24 de setembro de 2014). A relação entre experiência estética e formação na compreensão dos professores da educação que atuam na região de abrangência sdr de São Miguel do Oeste. *IV Colóquio Internacional de Educação*, Joçaba, Santa Catarina, Brasil.
- Woodward, K. (2000). Identidade e diferença: uma introdução conceitual. Em T. T. Silva (Org.), *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais* (pp. 7-72). Petrópolis - RJ: Vozes.